

Telma Sueli Pinto Johnson
Universidade Federal de Juiz de
Fora - UFJF
Email: telma.johnson@ufjf.br

Franciane Maria Silva de Freitas
Universidade Federal de Juiz de
Fora - UFJF
Email:
franciane.freitas@estudante.ufjf.br



Este trabalho está licenciado sob uma
licença [Creative Commons Attribution 4.0
International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):
Aos autores pertence o direito exclusivo de
utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

Jornalismo de soluções como estratégia de política editorial na multiplataforma do bicentenário *The Guardian*

*Solutions journalism as an editorial
policy strategy on the multiplatform
of the bicentennial *The Guardian**

*Periodismo de soluciones como
estrategia de política editorial en la
multiplataforma del bicentenario
*The Guardian**

Johnson, T. S. P., & Freitas, F. M. S. Jornalismo de soluções
como estratégia de política editorial na multiplataforma
do bicentenário *The Guardian*. **Revista Eco-Pós**, v. 25, n.
1, p. 413 - 436, 2022. DOI:
10.29146/ecops.v25i1.27651.

RESUMO

Este artigo explora uma vertente emergente no jornalismo contemporâneo, denominada Jornalismo de Soluções, como inovação de práticas jornalísticas sob a perspectiva de experiências e representações sociais mais inclusivas. A partir do quadro teórico de comunidade interpretativa, e suas relações com conceitos de noticiabilidade e valores-notícia, adota-se uma metodologia experimental híbrida para seleção, tratamento e análise de reportagens sob a temática da saúde publicadas entre os anos de 2011 e 2019 na multiplataforma do jornal britânico *The Guardian*, que completa 200 anos de publicação ininterrupta em 2021. Os achados sugerem que embora as reportagens enderecem, de fato, a relação problema-resposta em diferentes contextos internacionais, não se configuram como evidências de soluções, temporárias ou permanentes, relativas ao tratamento da raiz de problemas sociais sistêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo; Inovações; Problemas sociais; Saúde; The Guardian.*

ABSTRACT

This article explores an emerging aspect in contemporary journalism, called Solutions Journalism, as an innovation in journalistic practices from the perspective of more inclusive experiences and social representations. Based on the theoretical framework of the interpretive community, and its relations with concepts of newsworthiness and news values, a hybrid experimental methodology is adopted for the selection, treatment and analysis of reports on the health theme published between the years 2011 and 2019 on the multiplatform of the British newspaper *The Guardian*, which completes 200 years of uninterrupted publication in 2021. Findings suggest that although the stories do, in fact, address the problem-response relationship within different international contexts, they are not configured as evidence of solutions, temporary or permanent, relating to the root treatment of systemic societal problems.

KEYWORDS: *Journalism; Innovations; Social problems; Health; The Guardian.*

RESUMEN

Este artículo explora un aspecto emergente en el periodismo contemporáneo, denominado Periodismo de Soluciones, como una innovación en las prácticas periodísticas desde la perspectiva de experiencias más inclusivas y representaciones sociales. Partiendo del marco teórico de la comunidad interpretativa, y sus relaciones con los conceptos de notoriedad y valor informativo, se adopta una metodología experimental híbrida para la selección, tratamiento y análisis de los informes sobre el tema salud publicados entre los años 2011 y 2019 en la multiplataforma del diario británico *The Guardian*, que cumple 200 años de publicación ininterrumpida en 2021. Los resultados sugieren que las historias abordan, de hecho, la relación problema-respuesta en diferentes contextos internacionales, pero no están configuradas como evidencia de soluciones, temporales o permanentes, relacionadas con el tratamiento de raíz de los problemas sociales sistémicos.

PALABRAS CLAVE: *Periodismo; Innovaciones; Problemas sociales; Salud; The Guardian.*

Submetido em 17 de janeiro de 2021

Aceito em 20 de agosto de 2021

Dossiê **Audiovisualidades contemporâneas e interfaces sonoras** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 1, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i1.27651

Introdução

Este artigo trata de uma vertente emergente no jornalismo contemporâneo, o Jornalismo de Soluções, e busca compreender como tem sido colocada em prática, no mundo real das redações jornalísticas, com particular interesse entre similaridades e diferenças quando comparada às coberturas feitas pelo jornalismo tradicional.

O Jornalismo de Soluções, do termo original inglês *Solutions Journalism* (Sojo)¹, é uma abordagem que privilegia respostas – enquanto ações coletivas – a problemas sociais sistêmicos, a partir de fontes de informação plurais e representativas em contextos histórico-sociais. É uma alternativa, não excludente, ao jornalismo factual, declaratório e pontual, que não explora tentativas de reverter questões perenes.

A estratégia metodológica adotada, num primeiro momento, combinou pesquisa exploratória (Lopes, 2005) com pesquisa empírica mediada por computador (Johnson, 2010), em busca da construção de um objeto capaz de ser apreendido dentro das noções de Sojo. Utilizou-se, para este propósito, o banco de dados SolutionsU® e a ferramenta de monitoramento *Solutions Story Tracker*, da organização independente Solutions Journalism Network (SJN).

Um conjunto de questões norteou a etapa preliminar, realizada entre agosto de 2018 e junho de 2019: 1) quem está praticando o Sojo no mundo? 2) com que frequência? 3) reportando quais temáticas? 4) em quais suportes midiáticos? e 5) para quais audiências? O resultado apontou experiências de Sojo nos Estados Unidos e no Reino Unido, com casos isolados na América Central (Costa Rica), na África (Nigéria e Quênia) e na Oceania (Austrália). O SolutionsU® não indicou iniciativas jornalísticas na América do Sul.

O jornal britânico *The Guardian*, que completa 200 anos de publicação impressa ininterrupta neste 2021, surgiu como um dos pioneiros no Sojo. O primeiro registro de reportagem de soluções no *Guardian* ocorreu em 19 de dezembro de 2011, e até 31 de dezembro de 2019 o total somava 257 histórias (Tabela 1) no repositório².

Tabela 1: Análise comparativa do Sojo no *Guardian*: 2011-2019

¹ A sigla Sojo será adotada, a partir deste momento, neste trabalho.

² De acordo com dados fornecidos por e-mail pela SNJ em 20 de maio de 2020, solicitados durante nossa pesquisa, havia no repositório, em 31 de dezembro de 2019, 7.881 histórias, criadas por mais de 4.100 autores de 987 canais de informação, de 41 países.

Ano	Quantidade de histórias
2011	01
2012	02
2013	05
2014	03
2015	18
2016	21
2017	20
2018	121
2019	66
Total:	257

Fonte: Autoria própria

Esses dados foram examinados em articulação com a trajetória editorial do Guardian, tendo como pano de fundo a literatura sobre noticiabilidade e valores-notícia (Galtung; Ruge, 1965; Golding; Elliot, 1979; Silva; Silva; Fernandes, 2014; Wolf, 2003) à luz de questões como jornalismo digital, fronteiras profissionais e fenômenos de participação (Barbosa, 2019; Carlson, 2017; Carlson; Lewis, 2015; Harcup, 2020; Harcup; O'Neill, 2016; Johnson; Farnese, 2018).

Nessa perspectiva, o artigo trata sobre padrões de jornalismo dominantes partindo da concepção de comunidade interpretativa, de uma forma geral, e a proposta de Sojo, em particular. Descreve relações entre política editorial e modelo de negócio do Guardian para, assim, apresentar resultados de análises qualitativas sobre como o jornal vem aplicando o Sojo em interfaces digitais, baseadas em reportagens publicadas no período 2013-2019, especificamente sob a temática da saúde³ – problema social de interesse público mundial.

1. Jornalismo de soluções: ampliando noticiabilidade e valores-notícia dominantes

O conceito de comunidade interpretativa, a partir dos estudos literários, de estética e recepção (Eco, 2004; Fish, 1980), ganhou novos contornos no campo do jornalismo. Como integrantes de uma comunidade interpretativa (Zelizer, 1993) internacional (Traquina, 2005,

³ Não houve publicações na área da saúde nos anos de 2011 e 2012.

2008), jornalistas seguem rotinas de produção, conforme critérios de noticiabilidade e valores-notícia, por meio de regras, explícitas e/ou implícitas, de políticas editoriais e modelos de negócio (Breed, 1955; Erbolato, 2008; Tuchman, 1978) das empresas para as quais trabalham.

Numa sistematização sobre as várias aplicações de comunidade interpretativa nos estudos de jornalismo em quase três décadas, Berkowitz (2019, p.6) afirma que o conceito tem sido útil para “entender como o jornalismo atua como força cultural que leva seus membros a compartilhar uma visão comum de interpretação e uma visão de comportamento para pessoas que se identificam com a cultura da comunidade”.

Esse sentido compartilhado, para Berkowitz (2019), pode ser ampliado em suas estruturas interpretativas para outros subconjuntos da comunidade. Para o autor,

O conceito de comunidade interpretativa pode incluir não somente jornalistas, mas também suas audiências e suas fontes. A implicação dessas conexões sugere que um conjunto de significados e valores pode impactar a cobertura midiática de público e questões políticas (Berkowitz, 2019, p.5).

No cenário de transformações sociotécnicas globais, com a fragmentação de canais e plataformas de distribuição de conteúdo, o Sojo foi proposto como alternativa à crescente falta de credibilidade pelas audiências e à crise nos modelos de negócios baseados em financiamento publicitário. A abordagem – que defende coberturas abrangentes com foco em soluções, ao invés de apenas denúncias – foi sistematizada pelos jornalistas veteranos Courtney E. Martin, David Bornstein e Tina Rosenberg, da coluna “Fixes” do jornal The New York Times.

O trio fundou, em 2013, a organização internacional Solutions Journalism Network (SJN), sediada em New York (EUA), destinada a treinar a prática do Sojo e dar visibilidade a coberturas narrativas construtivas, historicamente escassas no noticiário. Conforme sintetiza o cofundador e chief executive officer (CEO) da SNJ, David Bornstein: “Todo problema na sociedade produz uma variedade de respostas. Então: se os jornalistas cobrem os problemas, também devem cobrir as respostas. Isso é simplesmente contar a história toda” (Rosenstiel, 2014, para. 6).

Para Bornstein (Rosenstiel, 2014, para. 7), as coberturas de respostas devem acontecer com o mesmo rigor, discernimento e obstinação do jornalismo tradicional. “Se bem-feito, o jornalismo de soluções torna nossas reportagens mais fortes e completas. Injeta informações valiosas na conversa pública, atrai leitores [...], e ajuda a despolarizar o debate público”.

O website da SJN anuncia como missão ampliar a prática desse novo modelo de produção em busca de “reequilibrar as notícias, para que todos os dias as pessoas sejam expostas a histórias que as ajudem a entender problemas e desafios, e histórias que mostrem maneiras potenciais de responder” (Solutions Journalism Network, 2019a, s/p). E complementa:

Acreditamos que o jornalismo pode fazer melhor. Pode fornecer uma visão de mundo que é fiel à realidade. Pode fortalecer o envolvimento com o público e reconstruir a confiança. E pode se sustentar financeiramente. No entanto, ele precisa de uma grande perturbação - não apenas em torno de plataformas ou embalagens melhores, mas em torno do próprio produto de notícias (Solutions Journalism Network, 2019a, s/p).

Além dos fundadores, a entidade conta com uma equipe de 33 pessoas distribuídas em funções de gerência, coordenação de projetos e parcerias, análise e governança de dados, curadoria, inteligência de negócios e relações públicas. A SJN se autoposiciona como “organização apartidária comprometida com transparência e independência editorial. Não apoiamos ou defendemos qualquer ideia, modelo, organização ou agenda em particular” (Solutions Journalism Network, 2019b, s/p). Anualmente, publica balanços financeiros auditados sobre valores recebidos de doações e o uso dos recursos em projetos jornalísticos internacionais (Solutions Journalism Network, 2019c, s/p).

A política editorial da SJN reconhece que existem conflitos de interesses específicos no uso de fundos filantrópicos para apoiar o Sojo, mas observa que filantropia e mudança social estão interligadas.

É inevitável que algumas redações e jornalistas que apoiamos informem sobre questões que envolvem financiadores de nossa organização, alguns dos quais são fundações de larga escala que têm apoiado milhares de organizações em dezenas de campos. Acreditamos que seria um desserviço à sociedade excluir as reportagens críticas sobre inovações sociais financiadas por essas fontes. Por outro lado, é extremamente importante que tais relações não entrem em conflito com os princípios do jornalismo independente (Solutions Journalism Network, 2019b, s/p).

O site, na aba “Laboratório de Aprendizagem”, publica materiais de apoio, entre os quais o manual geral Basic Toolkit, em seis idiomas, que apresenta os cinco critérios de aplicação geral do Sojo – entendidos, neste estudo, como padrões alternativos de noticiabilidade (Harcup,

2020), isto é, por que certos eventos do mundo, e não outros, são selecionados e construídos como Sojo (Basic Toolkit, 2019): 1º) Concentra-se em profundidade na resposta a um problema social; 2º) Examina como a resposta funciona em detalhes significativos; 3º) Concentra-se na eficácia, não nas boas intenções, apresentando evidências disponíveis de resultados; 4º) Fornece não apenas inspiração, mas *insight* que outras pessoas possam usar; e 5º) Discute o que não está funcionando sobre a abordagem.

O manual também auxilia como identificar notícias que configuram um falso Sojo, no atual cenário difuso, fragmentado e competitivo, pela anulação das condições de noticiabilidade da abordagem. Neste rol não se aplicam tratamentos que glorificam ou celebram um indivíduo ou organização (considerados relações públicas disfarçadas), inovações tecnológicas como salvavidas, jornalismo opinativo, ativismos instantâneos e outros tipos comuns que apelam para o emocional, desconsiderando problemas estruturais.

A SJN monitora, coleta e armazena a produção de veículos de comunicação e de jornalistas independentes parceiros do projeto, disponibilizando-a para acesso público gratuito em seu site. O mapeamento em constante atualização, feito pela ferramenta proprietária *Story Tracker*, exhibe os resultados no banco de dados SolutionsU®, categorizando as publicações de acordo com “Fatores de sucesso”. Esses fatores são considerados, aqui, como valores-notícia sob o guarda-chuva de critérios de noticiabilidade problema-solução do Sojo.

Os fatores são enumerados em oito: 1) Atacando a raiz do problema; 2) Cultivando colaborações; 3) Abraçando o poder dos relacionamentos; 4) Capacitando pessoas; 5) Expandindo o acesso; 6) Superando grandes desafios; 7) Praticando o design centrado no ser humano; e 8) Usando o financiamento criativo. Para a etapa analítica de nosso objeto, como veremos adiante, trabalhamos com o Basic Toolkit (2019) e o manual especializado em saúde, o Health Guide (2019), em sua relação com o valor-notícia “Atacando a raiz do problema”.

A escolha pela temática da saúde parte do pressuposto que o Sojo pode possibilitar leituras construtivas, críticas, plurais e aprofundadas do mundo acerca de uma questão sensível, transdisciplinar, que diz respeito à própria condição humana. Como define a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, da Organização das Nações Unidas (ONU), em seu artigo XXV, inciso 1: “Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 2009, p. 13).

Almeida Filho (2011) argumenta que saúde é um problema tanto filosófico, científico, tecnológico, político como prático. “Diz respeito a uma realidade rica, múltipla e complexa, referenciada por meio de conceitos, compreensível empiricamente, analisável metodologicamente e perceptível por seus efeitos sobre as condições de vida dos sujeitos” (Almeida Filho, 2011, p. 15). Oliveira (2014), nesta linha, observa que o progresso da ciência tornou crucial a produção e transmissão de informações responsáveis:

A mídia jornalística, por sua potencialidade de codificar e disseminar informações, se transformou em grande aliada do campo da saúde ao divulgar e popularizar diversos tipos de nexos entre ciência, saúde, cuidados, prevenção e modos de funcionamento das políticas e dos serviços públicos de saúde disponibilizados para a população (Oliveira, 2014, p. 35).

Essa possível parceria entre governo e jornalistas é positiva no aspecto de que as fontes das matérias sejam oficiais, gerando confiança e proximidade com o público. Mas Oliveira chama atenção para o perigo que essa colaboração possa gerar, com desvirtuações do que realmente significa interesse público, sob diferentes contextos. “Interesse explícito ou velado de influir em sua linha editorial mediante tais anúncios, construção de pautas e angulação de informação” (Oliveira, 2014, p. 36).

O texto introdutório do Health Guide, da SJN, destaca que o estado de saúde de cada indivíduo é resultado de um amplo conjunto conectado, que envolve desenvolvimentos nos negócios, na cultura, no meio ambiente e na economia. “Todos os dias, as pessoas estão atacando os problemas de saúde por todos os ângulos” (Health Guide, 2019, parágrafo 2). Dessa forma, o Sojo propõe apurações que procurem respostas apontadas pelas comunidades sobre o que está (e não) funcionando.

O guia, na seção *When Should I Try a Solutions Approach?* (Quando eu deveria tentar uma abordagem de soluções?), reconhece que é difícil pensar em problemas de saúde que não possam receber o foco no Sojo. Uma das razões é que “muitos poucos problemas de saúde são vistos em apenas um lugar, e as respostas que foram experimentadas e comprovadas em uma comunidade provavelmente têm valor em outros lugares” (Health Guide, 2019, parágrafo 5).

Os processos de apuração e seleção, neste enfoque, não mudam em relação às rotinas tradicionais de produção jornalística. O diferencial está no olhar transversal para questões sociais perenes, em busca da reconstrução de histórias pautadas na relação problema-

resposta, colocando em tensionamento como as coisas aconteceram, dando voz a fontes de informação diversificadas e representativas, bem como evidências de impactos em diferentes graus.

2. Guardian, política editorial e modelo de negócio

Em sua política editorial, o Guardian expressa que independência “significa que podemos seguir uma história sem medo de onde ela possa nos levar”. E continua: “Podemos expor corrupção ou jogo sujo onde quer que o encontremos. Nenhum acionista, anunciante ou proprietário bilionário pode nos pedir para censurar, editar ou abandonar uma história” (The Guardian, 2019, parágrafo 2).

Essa independência é mantida, de acordo com o jornal, porque o Guardian Media Group (GMG) é propriedade exclusiva da organização The Scott Trust, criada em 1936 e que, desde 2008, passou a ser constituída como companhia limitada. O principal objetivo do Scott Trust Ltd. é “garantir a independência financeira e editorial do Guardian em perpetuidade. Ele protege os valores liberais do Guardian, libertando-nos de interferências comerciais ou políticas” (The Guardian, 2019, parágrafo 3).

A organização recebeu este nome em função do jornalista Charles Prestwich Scott, que foi editor do Guardian por 57 anos. O Scott Trust, instaurado por um de seus filhos, John Russell Scott, concebeu um modelo de negócio próprio para o jornal. Num ensaio, que espelha a linha editorial do Guardian até hoje, o jornalista escreveu em 1921, quando o jornal completou 100 anos:

Um jornal tem dois lados. É um negócio, como qualquer outro, e tem que se pagar no sentido material para viver. Mas é muito mais que um negócio; é uma instituição; reflete e influencia a vida de uma comunidade inteira; isso pode afetar destinos ainda mais amplos. É, a seu modo, um instrumento de governo. Toca nas mentes e consciências dos homens. Pode educar, estimular, ajudar ou pode fazer o oposto. Tem, portanto, uma existência moral e material, e seu caráter e influência são, em geral, determinados pelo equilíbrio dessas duas forças. Pode fazer do lucro ou do poder seu primeiro objeto, ou pode se conceber cumprindo uma função mais alta e mais exigente (Appendix 3.2, 2011, p. 12).

O Scott Trust, em busca do equilíbrio entre as dimensões moral e material, estabelece que o fundo não tenha fins lucrativos e que todas as receitas dos veículos do GMG sejam revertidas para assegurar a prática do jornalismo de qualidade, independente e investigativo. Em nome do “espírito da transparência” com leitores e apoiadores, o fundo publica, desde 1947, relatórios anuais de trabalho.

O Relatório de Trabalho 2017-2018, por exemplo, reenfaz a opção de não estabelecer *paywalls* (muros de cobrança) em suas publicações digitais, para que o jornalismo seja acessível e gratuito a todos, apesar do declínio na receita dos impressos e o mercado de publicidade digital continuar dominado por Facebook e Google. “Não podemos confiar na publicidade sozinha para financiar uma mídia noticiosa saudável, plural”, afirma o CEO do GMG, David Pemsel (Securing our Futuring, 2018, parágrafo 1).

As operações digitais do Guardian começaram em 1994-95. A rede Guardian Unlimited foi lançada como um todo edificado em janeiro de 1999 (em 2008, tornou-se guardian.co.uk e em 2013 guardian.com). Em 2011, a Guardian News and Media (GNM) – braço do GMG que publica The Guardian, Observer e Guardian Weekly – anunciou planos de se tornar uma organização prioritariamente digital, colocando o jornalismo aberto na web no centro de sua estratégia de negócio.

Desde o anúncio, o Guardian continuou sua expansão digital com o lançamento de aplicativos e plataformas, bem como edições digitais nos Estados Unidos e na Austrália. No mesmo dia em que o jornal anunciou a adoção do formato tabloide para sua publicação impressa (15 de janeiro de 2018), a GNM também divulgou o redesenho de suas versões digitais clássica (PCs) e móvel (notebooks, tablets e smartphones). Pemsel anunciou que a estratégia do GMG para responder aos desafios é inovar e construir novos modelos de negócios que apoiem o jornalismo do Guardian. Assim, o objetivo “é sustentar o Guardian construindo relações mais profundas com nossos leitores, desenvolvendo novos fluxos de receitas [...]”. (Securing our Future, 2018, parágrafo 3).

As campanhas digitais dirigidas aos leitores nacionais e internacionais, pedindo doações a partir de US\$ 1, funcionaram. Em 1º de maio de 2019, a GNM anunciou que o modelo baseado no apoio dos leitores tornou suas operações impressas e digitais sustentáveis financeiramente. De acordo com o comunicado (Guardian breaks..., 2019), a GNM registrou lucro operacional de € 800 mil (equivalentes a R\$ 4,3 milhões) no ano fiscal 2018-2019 – contrastando com perdas

de € 57 mil (R\$ 239 mil) no triênio anterior –, em função de 655 mil apoiadores mensais regulares de suas operações impressas e digitais, distribuídos em mais de 100 países, além de outras 300 mil pessoas que fizeram contribuições pontuais em 2018.

3. Entre engrenagens metodológicas e respostas sociais

As etapas de pesquisa exploratória e construção do objeto nos levaram a questionar sobre como a temática da saúde é tratada, no modelo Sojo, pela multiplataforma digital do Guardian. Para finalidades de operacionalização conceitual, em etapas analítico-qualitativas, concentramos em três questões:

- 1) Até que ponto o fator de sucesso “Atacando a raiz do problema”, como um dos oito critérios de valor-notícia da SJN, é refletido nas histórias sob a temática da saúde do Guardian? A escolha por este fator baseou-se na identificação de que dentre 7.637 histórias, na ferramenta *Story Tracker*, um significativo número (2.338, ou 29,3%) se enquadrava neste critério;
- 2) Quem são as fontes representadas pelo Sojo do Guardian? O critério, aqui, foi identificar fontes de informação (primárias e secundárias) que sustentam histórias como lugar de experiências e representações plurais de comunidades envolvidas em respostas aos problemas sociais de saúde;
- 3) Quais são as evidências dos impactos das soluções apresentadas pelas histórias do Guardian? Neste item, consideramos que, para além das iniciativas, descrições de respostas e de processos de implementação são importantes como exemplos de dificuldade e possibilidades.

O *corpus* inicial de 257 histórias de Sojo no Guardian, referente ao período de 19 de dezembro de 2011 a 31 de dezembro de 2019, foi escrutinado, como etapa analítico-qualitativa em primeiro nível, em busca de publicações específicas na temática da saúde. Uma listagem de 72 matérias foi obtida, tomando como base o entrecruzamento de três entradas: 1) títulos; 2) resumos; 3) e subtemáticas.

Houve casos em que as entradas foram insuficientes para delimitar a especificidade em saúde, tendo que se recorrer a hiperlinks e leitura dinâmica dos textos completos. O quadro, com

72 unidades, apontou epidemias globais (malária, ebola, influenza, HIV), saúde mental, saúde ambiental, acesso à assistência, saúde eletrônica, novas tendências de tratamentos – abordagens alternativas à prevenção de crimes, reabilitação e dependência de substâncias.

A estratégia metodológica seguinte filtrou, para análise qualitativa em segundo nível de profundidade, publicações relacionadas a cuidados e serviços baseados em ajuda aos indivíduos como alternativas a normas tradicionais de disciplina ou punição. Essa variável, que integra o núcleo valor-notícia atacando a raiz do problema (Attacking Root Causes, 2019, s/p), da SJN, engloba soluções para comportamentos, enquanto doenças que requerem tratamento, em vez de punição por autoridades políticas e/ou discriminação social nos contextos em que se apresentam.

Onze publicações foram selecionadas, conforme demonstramos na Tabela 2, atentando para a construção do material jornalístico de acordo com conteúdo e formato apresentados na multiplataforma do Guardian.

Tabela 2: Seleção de matérias do Guardian para análise qualitativa em segundo nível

Nº História	Data de Publicação	Título original	Subtemáticas	Formato/Recursos
02	12/dez. 2019	Why are there so few prisoners in the Netherlands?	Cuidados psiquiátricos → Alternativas de prisão → Reentrada do agressor; reabilitação dos infratores → Serviços transitórios e saúde mental.	- 800/1.500 palavras - 02 fotos legendadas - 01 infográfico estático - 11 hiperlinks
05	09/set. 2019	The psychiatrist helping mentally ill people left to wander India's streets	Cuidados psiquiátricos; psiquiatria → Serviços para sem-teto → Intervenção de crise; serviços sociais para pacientes; serviços transitórios para saúde mental.	- 800/1.500 palavras. - 02 fotos legendadas - 03 hiperlinks
06	02/set. 2019	Drive-thru brothels: why cities are building 'sexual infrastructure'	Educação sexual; cuidados de saúde reprodutiva → Trabalho organizado → Direito das mulheres → Direitos trabalhistas → Serviço para mulheres → Trabalhos públicos.	- 800/1.500 palavras - 06 fotos legendadas - 04 hiperlinks

Nº História	Data de Publicação	Título original	Subtemáticas	Formato/Recursos
11	04/jun. 2019	<u>Gun violence has sharply declined in California's Bay Area. What happened?</u>	Controle de armas → Alternativas de prisão → Policiamento comunitário → Orientação de adultos → Saúde pública → Política pública → Organização comunitária.	- 1.500/3.000 palavras - 12 fotos legendadas - 06 Infogr. estáticos - 02 Infogr. dinâmicos - 10 hiperlinks
28	21/nov. 2018	<u>How 'fixing rooms' are saving the lives of drug addicts</u>	Políticas públicas → Tratamento de abuso de substâncias.	- 800/1.500 palavras - 04 fotos legendadas - 01 Infogr. estáticos - 17 hiperlinks
32	07/nov. 2018	<u>Can people be saved from a terrible childhood?</u>	Cuidados de saúde mental → Pediatria → Agências policiais → Educação de pais → Desenvolvimento educacional infantil.	- 1.500/3.000 palavras - 03 fotos legendadas - 07 hiperlinks
54	05/dez. 2017	<u>Portugal's radical drugs policy is working. Why hasn't the world copied it?</u>	Qualidade da assistência à saúde; Acesso à assistência à saúde → Controle de narcóticos → Alternativas penitenciárias → Bioética → Gestão da assistência à saúde → Tratamento de abuso de substâncias → Opioides.	- Acima de 3.000 pal. - 04 fotos legendadas - 15 hiperlinks
56	23/out. 2017	<u>Drug court – giving families a chance to break the cycle of opioid use</u>	Alternativas de prisão; Estágio e liberdade condicional → Grupos de apoio → Tratamento de abuso de substâncias → Opioides.	- 800/1.500 palavras - 22 fotos legendadas - Sem hiperlinks
63	16/set. 2016	<u>Baclofen: The controversial pill that could 'cure' alcoholism</u>	Alcoolismo → Grupos de apoio → Farmacologia → Segurança de medicamentos → Tratamento de abuso de substâncias.	- 1.500/3.000 palavras - 03 fotos legendadas - 12 hiperlinks
66	26/abr. 2016	<u>The shelter that gives wine to alcoholics</u>	Cuidados paliativos → Cuidados de emergência → Alcoolismo → Agências policiais → Serviços para sem-teto → Grupos de apoio → Abrigos para sem-teto → Tratamento de abuso de substâncias.	- Acima de 3.000 pal. - 06 fotos legendadas - 06 hiperlinks - Com podcast (0:37:59)
72	04/mai. 2013	<u>Inside Denmark's 'fixing rooms', where nurses watch as addicts inject in safety</u>	Educação em serviço social → Políticas públicas → Tratamento de abuso de substâncias → Clínicas de cuidados de saúde.	- 800/1.500 palavras - 02 fotos legendadas - 01 hiperlink

Fonte: Autoria própria

4. Achados e análises

O *corpus* foi examinado com base em 1) problema social; 2) descrição e evidências de solução; e 3) pluralidade de fontes de informação. Em linhas gerais, dentre as 11 unidades da Tabela 2, identificamos inicialmente três histórias que não se enquadraram nos parâmetros alternativos de noticiabilidade propostos pelo Sojo, seja pelas lacunas deixadas quanto às evidências na relação problema-solução, seja pela ausência de fontes de informação plurais na construção do material noticioso. Mais especificamente:

1) **história 56** – É um ensaio fotográfico. Há ausência de elementos textuais, fontes de informação e recursos referenciados que possibilitem verificação e análise de dados da relação problema-solução;

2) **história 32** – Embora apresente um problema social sobre a relação entre traumas de infância e doenças como depressão, suicídio e abuso de drogas, a reportagem relata iniciativas científicas de experimentos prematuros, sem evidências disponíveis de resultados, como reconhecem as fontes citadas;

3) **história 05** – Traz conteúdo baseado, quase que inteiramente, em declarações de uma única fonte, caracterizando-se, nos termos da SJN, como promoção de perfis de salvadores com boas intenções, o que se constitui como falso Sojo.

Na análise do conjunto de oito histórias anguladas pelos critérios de noticiabilidade do Sojo, classificamos o material em dois grupos. Um grupo se enquadra numa abordagem mais relacionada a medidas paliativas, que poderia ser melhor denominada de jornalismo de redução de danos. É o caso das salas de consumo assistido de drogas injetáveis na Dinamarca (história 28), revisitadas após cinco anos (história 72); do abrigo que serve vinho a dependentes no Canadá (história 66); e do declínio da violência por armas nos Estados Unidos (história 11). O termo redução de danos no campo da saúde, como estratégias alternativas de tratamentos, é, inclusive, utilizado por algumas fontes das reportagens.

Outro grupo abriga reportagens que apresentam políticas públicas de enfrentamento a problemas, mas cujas respostas não evitaram que novos desafios surgissem, pelas próprias dinâmicas e impermanências da vida social, com desdobramentos que acionam outras questões. É o caso das controvérsias na França em torno do uso do medicamento Bacoflen para a cura do alcoolismo (história 63), do pioneirismo português com a descriminalização de posse e consumo

de todas as substâncias (história 54), da construção de novas infraestruturas para a indústria do sexo na Alemanha (história 06) e sobre a baixa população carcerária holandesa (história 02).

Nossa descrição analítica, a seguir, acompanha a cronologia de publicação das reportagens no Guardian e utiliza a tradução livre dos títulos originais para o idioma português.

Na **história 72**, intitulada “Dentro dos ‘fixing rooms’ da Dinamarca, onde enfermeiros assistem dependentes se injetando em segurança”, o problema identificado é o alto índice de 8.000 usuários regulares de drogas, pobres e sem-teto, em Copenhague (capital dinamarquesa). A resposta é a criação de ambientes seguros financiados pelo poder público, ou “salas de consumo”, onde usuários usam suas próprias drogas, sob acompanhamento profissional e socorro em casos de overdose, com agulhas estéreis, mapas anatômicos e máquinas que iluminam veias e artérias.

A reportagem usa como gancho o debate no sistema de saúde público britânico, à época, contextualizando a resposta dinamarquesa advinda da pressão de moradores sobre autoridades públicas. As fontes de informação são representativas, entre as quais: 1) três usuários de drogas; 2) advogada que trabalha em sala de consumo; 3) dois moradores locais; 4) administrador de abrigo em parceria com a prefeitura local; 5) superintendente da polícia; 6) zelador de sala de consumo; 7) estatísticas públicas.

O Guardian detalha como as salas funcionam e indica que a experiência em Copenhague resultou na queda de estatísticas de assaltos, roubos, violência e sujeira nas ruas. A reportagem reconhece, pelas falas de entrevistados, que a resposta, embora amenize uma das necessidades básicas dos dependentes – um lugar seguro para o uso de drogas –, não soluciona o problema maior da dependência nem outras necessidades dessa parcela da população, como moradia e alimentação.

A **história 66**, “O abrigo que dá vinho aos alcoólatras”, traz o problema que dentre os 750.000 habitantes de Ottawa (Canadá) há uma população de 1.000 desabrigados, cronicamente alcoólatras e usuários de drogas. A resistência do grupo em ir para um local de tratamento convencional e suportar o período da desintoxicação levou à construção do abrigo Oaks, onde residentes recebem doses diárias gratuitas e reguladas de vinho com supervisão médica.

A resposta envolve parceria financeira público-privada e associações comunitárias. As fontes do jornal são plurais: 1) três dependentes; 2) enfermeira de abrigo convencional; 3) coordenadora de enfermagem do Oaks; 4) presidente do Conselho de Medicina do Canadá; 5)

Dossiê **Audiovisualidades contemporâneas e interfaces sonoras** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 1, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i1.27651

diretoria de centro de saúde comunitário local; 6) diretoria executiva de abrigo de tratamento convencional; 7) coordenadoria de atividades do Oaks; 8) departamento de saúde local; 9) lideranças empresariais; 10) Ottawa Inner City Health, associação de agências e organizações de ajuda aos sem-teto; 11) publicações científicas.

A reportagem em longo formato, que pode ser lida e ouvida (podcast), detalha como o programa se desenvolve dentro do conceito de “redução de danos”, implementado em Liverpool (Inglaterra), nos anos 1980, para controle de dependentes de heroína. Com base no fator atacando a raiz do problema, pode-se ponderar que a resposta experimental para os sem-teto alcoólicos de Ottawa pode vir a ser transformada em solução, embora ainda não haja evidências suficientes.

A **história 63**, sob o título “Baclofen: a pílula controversa que poderia ‘curar’ o alcoolismo”, apresenta o problema da morte diária de 120 pessoas na França por doenças relacionadas ao álcool, apontando uma estatística de 5 milhões de “usuários problemáticos”. A resposta, de acordo com o Guardian, começou pela hipótese do cardiologista francês dependente Olivier Ameisen que, após ler um artigo no New York Times descrevendo efeitos terapêuticos do Baclofen, estimulou pesquisas e testes clínicos em busca de evidências se a droga utilizada para o tratamento de esclerose múltipla poderia ajudar a dependência alcoólica.

Em meio ao início dos testes do Baclofen nos Estados Unidos, a reportagem recorre ao relato de resultados científicos sobre a eficácia da substância como item para dependências, incluindo o alcoolismo. Com base em entrevistas, contudo, adverte que a prescrição deve ser condicionada de paciente para paciente, pelos efeitos colaterais. O texto traz agrupamentos de fontes: 1) cinco dependentes de álcool; 2) dois professores de biologia; 3) pesquisadores neurocientistas da Universidade de Paris Descartes; 4) membros da associação Alcoólicos Anônimos (AA).

As evidências são taxas de sucesso no uso do medicamento, mais altas do que taxas de centros de reabilitação e até taxas de recuperação espontânea ($\frac{1}{4}$ de dependentes em álcool se recuperam sozinhos). O jornal mostra, no entanto, uma controvérsia: há, de um lado, os que defendem o medicamento, dentre os quais a indústria farmacêutica e ex-dependentes, e, de outro lado, grupos contrários, como o AA, que consideram a cultura da abstinência como único caminho para curar o alcoolismo.

Outra reportagem em formato longo (**história 54**), “A política radical de drogas de Portugal está funcionando. Por que o mundo não tem copiado?”, trata da política pública bem-sucedida de descriminalização da posse e consumo de todas as substâncias ilícitas, que vigora em Portugal desde 2001. A experiência resulta de uma combinação de fatores – pressão de movimentos sociais, alteração no código penal, tratamentos alternativos e mudança cultural –, para enfrentar uma crise na saúde pública que indicava, no final dos anos 1980, uma a cada 10 pessoas como dependente de heroína.

O texto contextualiza a crise como decorrência de 40 anos do regime autoritário salazarista, que isolou o país do mundo e dos mercados, restringindo o acesso à educação e à saúde. Também revela complicações de saúde surgidas pelo uso de drogas ao longo do tempo, como doenças correlatas, e observa que a união de esforços para minimizar os riscos só teria surtido efeitos porque a epidemia de heroína afetava toda a sociedade portuguesa, independentemente de classe social, raça, etnicidade, gênero ou faixa etária.

Com base na multiplicidade de fontes envolvidas, o Guardian mostra evidências estatísticas detalhadas, como, por exemplo, o histórico de infecções por HIV, que caíram de 104,2 novos casos por milhão de habitantes em 2000 para 4,2 casos por milhão em 2015. A lista de fontes é extensa, dentre as quais: 1) ex-dependentes de drogas; 2) Ongs de redução de danos “Crescer Mais” e “Apbes”; 3) ativistas pela legalização da maconha; 4) médicos de família especialistas em dependência; 5) profissionais da Associação Portuguesa de Farmacêuticos; 6) juiz de corte constitucional; 7) centros de atendimento a toxicodependentes; 8) Associação de Usuários e Ex-Usuários de Drogas, do Porto); 9) estatísticas públicas.

O caso pioneiro de Portugal, de acordo com as fontes, não pode ser considerado como solução definitiva, pois outras demandas sociais recentes entraram em pauta, no rastro do debate público internacional sobre a legalização da maconha, inclusive para fins medicinais. Em meio a posições polarizadas, o país discute o quanto a legalização impactaria as conquistas da política de descriminalização baseada na filosofia de redução de danos, ou seja, o dependente precisa estar aberto ao processo de mudança para que ela possa acontecer.

Nossas análises identificaram que a **história 28**, intitulada “Como os ‘fixing rooms’ estão salvando a vida de dependentes de drogas na Europa”, de 2018, é uma atualização e desdobramento da **história 72** (Tabela 2), de 2013, examinada anteriormente (“Dentro dos ‘fixing rooms’ da Dinamarca...”). Nesta reportagem recente, o Guardian mostra que um a cada

três casos de morte por overdose de narcóticos na Europa, nos anos de 2016 e 2017, está no Reino Unido.

As taxas de mortalidade mais graves acontecem na Escócia e, conforme aponta a reportagem, poderiam ser evitadas porque há exemplos internacionais bem-sucedidos de controle e prevenção à dependência. Cita o caso de Portugal (**História 54**, tratada um pouco atrás), que apresenta um décimo da mortalidade britânica, e se debruça sobre a experiência dinamarquesa no enfrentamento do problema que afeta a população sem-teto, por meio da criação de salas e centros de consumo assistido. O modelo, seguido pela Alemanha e Suíça, começa a ser implementado na Irlanda e Bélgica.

A reportagem trabalha com análise e curadoria de dados sobre dependência e mortalidade por overdose de drogas em 28 países da União Européia, acrescentando à lista Turquia e Noruega. Com base em fontes que avaliam as medidas empregadas em Portugal e na Dinamarca, o jornal afirma que não houve solução para o consumo, mas evidências concretas de redução nas taxas de mortalidade causadas por drogas. São elas: 1) quatro dependentes de drogas; 2) assistente social e químico da indústria farmacêutica Skyen; 3) organização européia de caridade de informação às drogas; 4) fundação britânica de políticas de drogas Transform Drug; 5) publicações científicas; 6) estatísticas.

A **história 11**, em longo formato multimídia, levanta o problema paradoxal sobre os reflexos do enriquecimento gerado pelas empresas de tecnologia do Vale do Silício sobre a elevação nos custos de vida, principalmente moradia, na cidade de San Francisco. A reportagem “A violência armada diminuiu acentuadamente na ‘Área da Baía da Califórnia’. O que aconteceu?” apresenta estatísticas demonstrando que cada nova família milionária da Área da Baía de San Francisco gerou, pelo menos, quatro novas pessoas vivendo abaixo do nível de pobreza, contextualizando a relação entre taxas de riqueza e criminalidade.

Texto e infográficos mostram, contudo, que houve queda na taxa geral de 30% de homicídios causados por armas de fogo no período 2007-2017 em mais de 100 municípios da região, sinalizando que, pelo menos, 875 mortes foram evitadas e que afetariam principalmente moradores pobres e negros. A queda nos tiroteios e homicídios na Baía de San Francisco é atribuída, pela reportagem, à estratégia adotada pela cidade para dissuasão da violência por armas, conhecida como “*Ceasefire*” (Cessar-fogo).

É um esforço coletivo que envolveu reformas na justiça criminal – tornando a Califórnia um dos estados americanos mais rigorosos para a compra de armas – e redução, desde 2006, de encarceramento por crimes leves, além de investimentos em programas de saúde pública para prevenir a violência com armas de fogo e o trabalho intensivo de movimentos ativistas dedicados à tutoria e acompanhamento de jovens. O jornal ressalva, entretanto, que essas causas e ações indicam “evidências prematuras”, que precisam ser melhor medidas e investigadas ao longo do tempo.

Para o Guardian, o problema enfrentado teria causas difusas ainda não suficientemente mapeadas. Com base em jornalismo de dados – contendo mais de duas dezenas de fontes (*California Department of Justice* e *US Census Bureau*), estudos acadêmicos, entrevistas com moradores, ativistas, advogados e tutores de jovens –, a reportagem mostra que a redução nos homicídios não tem significado reversão de desigualdades sociais ou solução para a criminalidade. Há impactos importantes no ataque à raiz dos problemas da comunidade, gerados pela gentrificação, mas insuficientes para resolver a questão. Em texto separado, explica a metodologia e as ferramentas utilizadas para as análises dos dados criminais.

A **história 06**, com o título “Bordéis drive-thru: por que as cidades estão construindo 'infraestrutura sexual'”, aborda o debate sobre a inclusão de espaços públicos para trabalho sexual na política urbana de Berlim (Alemanha). O pano de fundo é a necessidade de equilíbrio entre direitos legais onde a prostituição é profissão legalizada, envolvendo segurança e limpeza, e o bem-estar das comunidades de entorno. Em Berlim, residentes reclamam sobre sexo em parques, preservativos usados e descartados nas calçadas e defecação em arbustos.

A reportagem revisita experiências em Amsterdã (Holanda), Colonia (Alemanha), e Nova Zelândia, para indicar possíveis respostas e desafios. Um caso particular é Amsterdã, que rediscute como o seu *Red-Light District* (Distrito da Luz Vermelha) – o mais conhecido do mundo – pode reagir e conter o escárnio da multidão de turistas com suas câmeras de smartphones em torno das vitrinas com cortinas abertas, que causam desconforto e insegurança para profissionais do sexo.

Nos arredores de Colonia, de acordo com a matéria, funciona um tipo de drive-through desde 2000 que vem sendo considerado como possível modelo para Berlim. As instalações permitem encontros seguros entre profissionais do sexo e clientes (com o acionamento de botões de emergência), descanso, aquecimento e presença de assistentes sociais. A Nova

Zelândia surge como outro modelo, onde funcionam centros nacionais de assistência à prostituição com acesso a banho, alimentação, informação, serviços de saúde sexual e áreas para descanso.

As fontes da reportagem são plurais e representativas, envolvendo: 1) advogada da *Berufsverband Erotische und Sexuelle Dienstleistungen e. V.*⁴; 2) autoridades políticas municipais; 3) *International Committee on the Rights of Sex in Europe*⁵; 4) *New Zeland Prostitute's Collective*; e 5) hiperlinks para reportagens adicionais sobre como Amsterdã vem lidando, desde 2015, com a gentrificação no distrito *Red-Light* causado pelo tráfico humano, abuso de drogas e violência. A reportagem demonstra que não há respostas definitivas, mas impasses, negociações, avanços, retrocessos e novos desafios relativos às iniciativas adotadas.

A **história 02**, que encerra a etapa de análise, traz como título “Por que existem tão poucos prisioneiros na Holanda?”. Mostra dados sobre como o sistema carcerário holandês tem respondido especificamente ao problema social da criminalidade, que sentenciava 42.000 pessoas em 2008 e caiu para 31.000 em 2018. A iniciativa foi criar um programa chamado TBS⁶, dentro do próprio sistema de justiça criminal, cuja abordagem mais humana diagnostica casos de transtornos mentais e dependência – que tenham recebido sentenças de até quatro anos –, passíveis de internação e reabilitação.

A reportagem traz características de jornalismo de soluções, por aprofundar a relação problema-resposta, dando vozes referenciadas a: 1) *Council of Europe Annual Penal Statistics for 2018 (Space)*; 2) beneficiários do programa TBS; 3) livro sobre estudo comparativo entre prisões da Holanda, da Inglaterra e País de Gales; 4) psicólogos e psicólogas forenses, além de assistente social do TBS; 5) professora de Criminologia da Universidade de Leiden; 6) diretoria do programa TBS em Amsterdã; 7) pesquisador sênior em reincidência no WODC⁷; e 8) estatísticas oficiais.

Evidências mostram uma queda de 40% na taxa de crimes registrados entre 2014 e 2018, levando ao fechamento de 23 prisões holandesas. Esses espaços transformaram-se tanto em asilos temporários, acomodações e hotéis como celas alugadas, inclusive para a Noruega e a

⁴ Associação Profissional dos Trabalhadores de Sexo na Alemanha.

⁵ O comitê representa 100 grupos de trabalhadores em 30 países europeus.

⁶ Van der Hoeven Kliniek.

⁷ Centro de Documentação e Pesquisa do Ministério da Justiça, na Holanda.

Bélgica. A política pública, que tenta reduzir a recidiva por perceber uma relação direta entre saúde mental e uso de drogas, não acontece, porém, sem complicações e surgimento de novos desafios. Há preocupações públicas sobre uma possível correlação entre a baixa população carcerária da Holanda e falhas de detecção de comportamentos criminosos sérios.

Considerações finais

Uma das principais conclusões a que chegamos nesta investigação é que o bicentenário The Guardian consegue – com suas pautas sobre a temática da saúde nos parâmetros do Jornalismo de Soluções – contribuir para a desconstrução de práticas tradicionais de noticiabilidade e valores-notícia que privilegiam agendas e discursos hegemônicos. É uma escolha ancorada em modelo de negócio diferenciado, princípios democráticos e independência editorial.

Nosso recorte empírico demonstra a relação problema-resposta na cobertura multiplataforma do Guardian. Uma característica importante verificada é que, nas contextualizações narrativas, várias questões controversas se entrecruzam. Ao dar visibilidade a temas sensíveis, complexos, com polifonia de vozes e representações, o jornal inova ao estimular o debate de problemas sociais à luz de enquadramentos alternativos e, por efeito, abre possibilidades para novos quadros de sentido.

Nossos achados apontam, entretanto, para zonas cinzentas nas práticas de Sojo em saúde. Num olhar mais atento sobre respostas de ajuda em vez de punição, percebemos que o fator de sucesso “atacando a raiz do problema” apresenta-se como um valor-notícia problemático em termos conceituais e de alcance real. Embora as reportagens sejam classificadas como Sojo no banco de dados *SolutionsU®* da SJN, na realidade as respostas sociais não se configuram em evidências de soluções, temporárias ou permanentes, no sentido de tratar as raízes profundas dos problemas.

Tal constatação nos levou a classificar as reportagens em duas abordagens, que denominamos jornalismo de redução de danos e jornalismo escrutinador de políticas públicas, num esforço de reflexão sobre os próprios limites e paradoxos do Sojo. Por um lado, a temporalidade é componente-chave para que um trabalho de Sojo se concretize, pois só o tempo pode apresentar evidências concretas para respostas a problemas sociais. Por outro, como bem

nos ensinam os princípios das relações recíprocas e dos sistemas rizomáticos, os fenômenos sociais são dinâmicos, constituídos por perpétuas ramificações, em constante devir.

Este trabalho teve o propósito de contribuir para os estudos no campo do jornalismo sobre inovações no contexto de redações jornalísticas em meio às revisões de modelos de negócios e políticas editoriais. Um leque de possibilidades de investigação dentro da temática do Sojo parece se descortinar, dentre as quais aquelas que possam tensionar outros objetos, temáticas de cobertura, assim como níveis de engajamento *online*, qualidade na participação e possíveis influências para despolarização do debate público.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, N. de. *O que é Saúde?* Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011.

APPENDIX 3.2: CP Scott's essay published in the Manchester Guardian on the centenary of the paper's first issue. *Editorial Guidelines: Guardian News & Media Editorial Code*. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/info/2015/aug/05/the-guardians-editorial-code>. Acesso em: 31 dez. 2019.

ATTACKING ROOT CAUSES. 2019. Disponível em: https://storytracker.solutionsjournalism.org/success_factors/attacking-root-causes. Acesso em: 22 nov. 2019.

BARBOSA, M. *Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: 2019.

BASIC TOOLKIT. 2019. Disponível em: <https://www.learninglab.solutionsjournalism.org/em/courses/basic-toolkit>. Acesso em: 23 out. 2019.

BERKOWITZ, D. Interpretive community. In: VOS, T.P.; HANUSCH, F. (Eds.). *The International Encyclopedia of Journalism Studies*. Massachusetts, USA: Wiley-Blackwell, 2019, p. 1-7.

BREED, W. Social control in the newsroom: a functional analysis. *Social Forces*, v. 33, n. 4, May 1955, p. 326-35.

CARLSON, M. *Journalistic authority: legitimizing news in the digital era*. New York: Columbia Press University, 2017.

CARLSON, M.; LEWIS, S. *Boundaries of journalism: professionalism, practices and participation*. London: Routledge, 2015.

ECO, H. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ERBOLATO, M. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Ática, 2008.

FISH, S. *Is there a text in this class?* The authority of interpretive communities. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

GALTUNG, J.; RUGE, M. The structure of foreign news. *Journal of Peace Research*, v. 1, p. 64-90, 1965.

GOLDING, P.; ELLIOTT, P. *Making the news*. London: Longman, 1979.

GUARDIAN BREAKS EVEN HELPED BY SUCCESS OF SUPPORTER STRATEGY. *The Guardian*. 2019. Disponível em: https://www.theguardian.com/media/2019/may/01/guardian-breaks-even-helped-by-success-of-supporter-strategy?CMP=share_btn_tw. Acesso em: 1 mai. 2019.

HARCUP, T. *What is the point of news?* A study in ethical journalism. Cham, Switzerland, 2020.

HARCUP, T.; O'NEILL, D. What is news? News values revisited (again). *Journalism Studies*, v. 18, n. 12, p. 1470-1488, 2016.

HEALTH GUIDE. *Welcome*. Disponível em: <https://learninglab.solutionsjournalism.org/em/courses/health-guide/introduction/welcome>. Acesso em: 31 out. 2019.

JOHNSON, T. *Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

JOHNSON, T.; FARNESE, P. Acesso e apropriação de notícias jornalísticas em redes sociais no Brasil: refinando a noção de “participação”. *Estudos em Comunicação*. Lisboa, n. 27, v. 1, p. 53-68, 2018.

LOPES, M. I. V. de. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, V. de C. As Fabulações Jornalísticas e a Saúde. In: *Saúde e Jornalismo: Interfaces Contemporâneas*. LERNER, Katia e SACRAMENTO, Igor. (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2014, p. 35-39.

ROSENSTIEL, T. *Reporting 'the wholestory': 9 good questions with David Bornstein of Solutions Journalism Network*. 2014. Disponível em: <https://www.americanpressinstitute.org/publications/good-questions/moving-toward-whole-story-9-good-questions-david-bornstein-solutions-journalism-network/>. Acesso em: 17 out. 2019.

SECURING OUR FUTURE. *The Guardian - Working Report 2017-2018*. Disponível em: <https://theguardian.com/info/ng-interactive/2018/jul/24/working-report>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SILVA, G.; SILVA, M. P. da; FERNANDES, M. L. *Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014.

SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK. *Who we are*. 2019a. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org/who-are-are/mission>. Acesso em: 23 out. 2019.

SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK. *Who we are: ethics*. 2019b. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org/who-we-are/ethics>. Acesso em: 23 out. 2019.

SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK. *Who we are: financials*. 2019c. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org/who-we-are/financials/>. Acesso em: 24 out. 2019.

THE GUARDIAN. *Seeking truth, not approval*. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/info/2016/apr/27/the-guardian-seeking-truth-not-approval>. Acesso em: 8 nov. 2019.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo, a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, G. *Making news: a study in the construction of reality*. New York: Free Press, 1978.

UNIVERSAL DECLARATION OF HUMAN RIGHTS. 2009. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>. Acesso em: 1 nov. 2019.

WOLF, M. *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZELIZER, B. Journalists as interpretative communities. *Critical studies in mass communication*, v. 10, 1993, p. 219-237.

Telma Sueli Pinto Johnson

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Professora Associada do Curso de Jornalismo e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação (PPGCOM), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio pós-doutoral pela Universidade da Beira Interior (UBI-PT).

E-mail: telma.johnson@ufjf.br

Franciane Maria Silva de Freitas

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Mestranda em Mídia e Processos Sociais pelo Programa de Pós -Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Também é graduada em Jornalismo pela mesma instituição. Seus interesses de pesquisa incluem inovação no jornalismo e impacto social.

E-mail: franciane.freitas@estudante.ufjf.br